

“A História de Portugal passou verdadeiramente pela baía da Praia”

Quim Paim

Aprensiva, ao sobrevoar o encrespado mar ilhéu, a gaivota não gostava do que via. Ambos olhos arregalados para a realidade circundante confirmavam-lhe o receio.

Do cantinho atento do seu arguto olho esquerdo, afitado lá para cima, observava um caudal imenso de intimidantes nuvens negras prometendo a todo o momento libertarem o escuro dos céus da atmosférica ira dos deuses. Era temporal à vista. Ameaças meteorológicas, porém, não lhe causavam transtorno. Vivia com elas. Sabia bem como iludi-las.

Já do maroto olho direito, nervosamente espreitando cá para baixo, não podia ignorar preocupantes motivos de alarme. A tempestade, a adivinhar-se pela colérica fúria dos homens, antevia-se calamitosa. Naus repletas de guerreiros enfuriados preparavam-se para darem à costa e ancorarem estrategicamente na encantadora baía, ameaçando a todo o momento o precioso sossego da ilha.

Era uma ilha de encanto, habitada por gente de paz cultivando ideais sublimes, onde despontavam já luzentes as sementes liberais. Fazia parte integrante do reino, a atravessar forte crise constitucional. E o controverso rei, em ridículas escaramuças com o sensato irmão mais velho na disputa desaguizada do absoluto poder político de então, sabia disso. A subjugação total daquele tenaz torrão ilhéu, a seu ver, insular covil de conspiradores, era-lhe vital à desmedida obsessão de governar só, como senhor absoluto, sem ninguém a fazer-lhe sombra. Nem ao irmão nem à sobrinha – seus declarados inimigos porque legítimos herdeiros à coroa que usurpara – iria permitir que lhe roubassem as rédeas do trono para implantarem a belprazer o seu subversivo sonho liberal.

Perante este sombrio cenário, ameaçador da tranquilidade que disfrutavam na acolhedora baía, embora alheias às quezilentas intrigas do vil comportamento humano, as gaivotas locais acharam por bem reunirem-se para tomarem em consenso uma posição coerente com o seu sereno “modus vivendi”.

O seu volátil reino de livres feituradas e aventuras mil não funcionava assim. Por entre as nuvens do céu, as ondas do mar e os pequeninos palmos de terra onde poisavam em peugadas leves para repousarem de quando em vez, respirava-se felicidade, festejava-se a vida, honrava-se a liberdade.

O morticínio, como a miséria ou a escravidão, eram conceitos doentios que lhes escapavam por completo. Haviam sobrevoado em tempos outros mares, por outras rotas sobrecarregadas de galantes galeras capitaneadas por homens brancos traficando homens negros como mera mercadoria barata ou simples bagagem de porão. Haviam, de igual modo, viajado por vales e montanhas de outros continentes e topado absurdos conflitos armados sem pés nem cabeças nos cadáveres adormecidos. Os civilizados seres humanos decepavam-se mutuamente sem apelo nem agravo em nome fosse lá do que fosse. Irracionais na sua essência mas livres nos seus intentos e unidas nos seus propósitos, elas não conseguiam entender aberração, tão estranho fratricídio.

“Os homens devem estar loucos”, piavam, estupefactas, “irmão contra irmão – só pela soberba ambição duma vaidosa coroa na corte, em torno de um trono? – não parece nada normal.”

A maior anormalidade em toda aquela viscosa situação, no entanto, a que verdadeiramente lhes prendeu a atenção, foi o terem-se apercebido a tempo do envolvimento real daquele bélico conflito duma adorável princesa ainda nos seus tenros sete anos de idade. Chamava-se Maria da Glória. O nome era bonito. Como bonita lhes parecia a ideia dela poder vir a coroar-se rainha da terra que lhes dava guarida. Essa aliciante possibilidade sensibilizou-as. E galvanizou-as. A coroa na cabeça duma dócil donzela já lhes fazia mais sentido. Não foi difícil tomar partido. O inimigo estava identificado.

“É o rei malvado! Acaba de invadir a nossa pacata baía e ameaçar a nossa mimosa ilha em venenoso pé de guerra. Tem de ser derrotado. Temos de apoiar a simpática menina e o mio honrado senhor seu pai”, bicaram de comum acordo antes de baterem as asas em cata dos seus intentos.

Reconheciam as humildes gaivotas não reunirem realisticamente qualquer força útil de combate a sério. Todavia, acreditavam com firmeza poderem esvoaçar ao desbarato alguma fortuita forma de magia persuasiva na interferência favorável das condições atmosféricas que, de algum modo, pudesse dificultar a batalha ao inimigo. Vindas das mais remotas redondezas, em números inimagináveis, juntaram-se então em

bando volumoso e decidido a voar o mais alto possível . Ao penetrarem juntas no interior das medonhas nuvens negras, com o vigoroso impacto das suas numerosíssimas asas sacudindo em unísono, persuadiram-nas a soltarem à balda seus aguaceiros renitentes.

A chuva caía intermitente enquanto as jubilosas gaivotas se dispersavam em delírio pelos rochedos queimados da orla marítima local. A magia funcionara. O tempo ofuscou-se. A neblina acudiu. O desembarque foi-se frustrando. O nervosismo apoderara-se dos soldados e das embarcações invasoras. E o combate acabou por se revelar fatal para as forças desarmadas e desiludidas da imponente esquadra real – impotente naquele dia e naquela baía – ante a mística bruma ilhoa descida ao mar e a estóica bravura dos filhos da terra cantando vitória pelo areal e demais artérias da mui notável praia, obviamente embevecida. Acabara de associar em grande a significância do seu nome à relevante mudança do rumo político então registado com o desfecho vitorioso daquele histórico episódio.

Fora o primeiro e decisivo triunfo das emergentes forças liberais. Envigoradas, ganhando fôlego consistente, não descansariam até deporem o detestável rei absoluto e oferecerem com inteiro mérito e reforçada justiça a tão almejada coroa à jovem princesa. Maria da Glória subiria ao trono com dezassete anos apenas. A história da humanidade ficar-lhe-ia eternamente grata pela corajosa abolição da escravatura, decretada em todo o território lusíada ainda no decorrer do seu breve reinado.

Às radiantes gaivotas sobravam igualmente festivos motivos de orgulho para celebrarem em bando, eufórico. A vitória, da praia para a posteridade, em várias frentes, fora muito sua também. Despretensiosos palmípedes vigilantes dos ares e mares ilhéus, sem qualquer ponta de fio emocional a afagar-lhes o fundo do ser (eram aves apenas), tinham-se aproximado, no entanto, em vibrante causa comum, de nobilíssimas metas humanas, normalmente inatingíveis pelo mundo dos voadores.

Como é bom ser-se ser vivo, solidário e significante, em salutar sintonia com a harmonia universal.